

SIMPÓSIO AT165

ADÍLIA LOPES: “POETISA-FÊMEA”

MAGALHÃES, Clêuma de Carvalho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI
cleuma@ifpi.edu.br

Resumo: O presente trabalho expõe um breve estudo sobre a obra da escritora portuguesa Adília Lopes (pseudônimo de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira), com o objetivo de refletir a respeito do papel do eu lírico enquanto mulher e poetisa. Para tanto, incorpora leituras da crítica literária feminista acerca da autoria feminina e do papel da mulher na sociedade, procedendo à análise do texto “Poetisa-fêmea, Poeta-macho (cliché em papel couché)”, que integra o livro *A mulher-a-dias*, publicado em 2002. Tal estudo permite-nos observar que os versos de Adília Lopes apresentam uma abordagem da condição feminina intimamente associada à questão da escrita, posicionando-se contra o silenciamento literário imposto às escritoras e contra todas as formas de poder estabelecido sobre as mulheres. Assim, ao tomar a palavra, o eu lírico dos versos adilianos assume a liberdade de questionar o papel que lhe foi determinado pela sociedade patriarcal e busca afirmar-se enquanto sujeito de sua própria história.

Palavras-chave: Adília Lopes, mulher, poetisa

Abstract: This work presents a brief study on the papers of the Portuguese writer Adília Lopes (pseudonym of Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira), with the purpose of reflecting on the role of the personal lyrical as a woman and poetess. In order to do so, it incorporates readings of feminist literary criticism about female authorship and the condition of women in society, analyzing the text "Poetess-female, Poet-male (cliché on paper couché)", which integrates the book *The women-by-days* published in 2002. This study allows us to observe that the verses of Adília Lopes present an approach to the feminine condition closely associated with the question of writing, standing against the literary silencing imposed on women writers and against all forms of power established over women. Thus, in use of the word, the I lyrical of the Adilian verses assumes the freedom to question the role determined by patriarchal society and seeks to assert itself as the subject of its own history.

Key words: Adília Lopes, woman, poetess.

Embora sejam muitas as conquistas femininas das quais desfrutam as mulheres na atualidade, não podemos ignorar o fato de que ainda vivemos

numa sociedade dominada pelo poder masculino que tenta relegar as mulheres ao silêncio e à marginalidade. No campo literário, esta realidade não é menos cruel, de modo que a voz de nossas escritoras não ressoa com a mesma liberdade nem recebe os mesmos aplausos reservados aos autores do sexo “dominante”. É este o cenário com o qual se depara a obra de Adília Lopes.

Curiosamente, Adília Lopes é o pseudônimo de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira. A autora faz uso de um recurso comumente utilizado no passado pelas escritoras que, em razão da desaprovação do público e da crítica concernente à atividade literária exercida pelas mulheres, escondiam-se atrás de um pseudônimo, na maioria das vezes, masculino. Certamente não é essa a motivação de Adília Lopes (ou melhor, Maria José), uma vez que a autora assume seu nome de batismo inserindo-o inclusive no corpo de seus poemas.

Dotada de uma visão crítica sobre a sociedade em que se insere, Adília Lopes, em “Poetisa-fêmea, Poeta-macho (cliché em papel couché)”, localizado no livro *A mulher-a-dias* (2002), expõe a repartição dos papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher na sociedade contemporânea. Poema em que, como observa Sónia Rita C. Melo (2013, p. 134), “[A] dicotomia poetisa-fêmea / poeta-macho e os atributos respetivamente atribuídos a cada figura encerram claramente clichés, preconceitos, construções culturais e representações identitárias vinculados à hegemonia ideológica patriarcal”.

POETISA-FÊMEA, POETA-MACHO
(cliché em papel couché)

1

Eu estou nua
eu estou viva
eu sou eu

Eu uso gravata
e, olhe, não foi barata

2

Sou uma poetisa-fêmea
falo do falo

Sou um poeta-macho
sacho

3

Sou um poeta-macho

sou um desmancha-prazeres
sou um empata-fodas

Sou uma poetisa-fêmea
para mim
é tudo bestial

4
Sou um poeta-macho
sou arrogante
sou um pé de Dante

Sou um poeta-macho
sou um facto
sou um fato

5
Sou um poeta-macho
tenho um gabinete
sou uma poetisa-fêmea
escrevo na retrete

Sou um poeta-macho
sou um badalo
sou uma poetisa-fêmea
calo-me

6
A poetisa-fêmea
toca viola
o poeta-macho
viola-a

7
Senhora doutora,
os seus seios
são feios

o poeta-macho
assina o despacho

8
Não tenho culpa
não tenho desculpa
não tenho custo
não tenho tempo

9
Natália Correia, Mário Soares
antes me ponha
um cacto
mas não me mato. (LOPES, 2014, p. 460-461).

A primeira estrofe constrói-se com uma evidente ênfase na autoafirmação do sujeito feminino que se “desnuda” diante do leitor, assumindo uma identidade em tudo oposta a do ser masculino: “1/ Eu estou nua/ eu estou viva/ eu sou eu/ [...]”.

O uso reiterado das formas pronominais e verbais em primeira pessoa passa a impressão de que o poema constitui-se como uma espécie de diálogo em que o sujeito masculino e o sujeito feminino buscam apresentar sua autodefinição. No entanto, é a visão feminina que prevalece a cada apresentação, expondo um conceito negativo referente ao “poeta-macho”. Afinal, este é um “[...] arrogante/ [...] um pé de Dante”, um ser preso às convenções, cuja identidade está limitada à aparência, à superficialidade: “Eu uso gravata/ e, olhe, não foi barata// [...]// Sou um poeta-macho/ sou um facto/ sou um fato”.

Ao abordar a diferença entre o poeta-macho e a poetisa-fêmea, Adília Lopes coloca em evidência os desafios que se impõem à mulher. A quinta estrofe, por exemplo, denuncia o silêncio e a marginalidade a que é condenado o discurso feminino: “Sou um poeta-macho/ sou um badalo/ Sou uma poetisa-fêmea/ Calo-me”. Enquanto o poeta-macho tem um gabinete, a poetisa-fêmea escreve na retrete. Ecoa nessa ideia, a lição de Virgínia Woolf (*Um teto todo seu*, 2004)¹ de que a mulher necessita de um espaço seu para poder exercer sua produção literária. Podemos ainda inferir que o fato de escrever na retrete significa expor o mais íntimo e até mesmo a imundice, “o lixo” do ser, o que acentua o caráter transgressor da poesia feminina. Aliás, a ousadia da voz da poetisa já marca presença nos versos anteriores: “2/ Sou uma poetisa-fêmea/ falo do falo/ [...]// 3/ Sou um poeta-macho/ sou um desmancha-prazeres/ sou um empata-fodas // Sou uma poetisa-fêmea para mim/ É tudo bestial”.

Na sexta estrofe é dada maior ênfase ao poder opressor da sociedade misógina: “6/ A poetisa-fêmea/ toca viola// o poeta-macho/ viola-a”. A violação vai além do aspecto puramente sexual, podendo referir-se à usurpação do direito à livre expressão do ser feminino, inclusive no tocante ao desejo que habita seu corpo.

¹ A lição woolfiana é evidente, por exemplo, nos seguintes versos de um poema sem título gravado no *Florbela Espanca espanca* (1999): “1 Para escrever/ é preciso/ ter pouco/ que fazer/ [...]// Para escrever/ é preciso/ dinheiro.” (LOPES, 2014, p. 390-391).

O estilo “enviesado” de Adília Lopes normalmente rompe as expectativas do leitor. É o que observamos nas últimas estrofes, em que o sujeito feminino parece dar por encerrado o diálogo com o que consideramos uma simulação da voz masculina e, numa aparente falta de lógica, vai despachando versos que, a princípio, não se harmonizam com o restante do poema. No entanto, as linhas finais (“[...]/ antes me ponha/ um cacto/ mas não me mato.”) reafirmam a força, a entrega, a ousadia e o desejo de viver do ser feminino expressos na primeira estrofe.

Não podemos deixar de observar que Adília Lopes opta por adotar o termo “poetisa”, embora consciente da ambivalência desse vocábulo, “visto ora pejorativamente, denotando uma desvalorização da escrita de mulheres autoras, ora como apropriação feminina e feminista de diferenciação positiva relativamente aos poetas homens” (MELO, 2013, p. 133). Aliás, tal procedimento marca não só sua poética como também seu discurso pessoal. Em entrevista conduzida por Carlos Vaz Marques, no *Diário de Notícias*, Adília Lopes (2005) declara: “Eu sou poetisa. Não gosto muito que me chamem poeta. Sou uma mulher, não sou um homem. E se há as palavras poetisa e poeta... Há palavras que não têm feminino e masculino mas esta tem”.

Definindo-se como poetisa, assumindo e vincando, portanto, a autoria feminina, Adília Lopes “mostra-se consciente do esquecimento e da marginalização a que foram votadas as escritoras da história em geral e da história literária em particular.” (MELO, 2015, p. 44). Desse modo, a poetisa posiciona-se contra o silenciamento literário imposto às escritoras, bem como as diversas formas de poder estabelecido sobre a mulher durante toda uma tradição. Na letra de Adília Lopes, emerge a identidade de uma mulher-sujeito dotada de mais liberdade de expressão e ação.

Referências

LOPES. Adília. *Dobra: Poesia reunida 1983-2014*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

_____. Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques. DNA, 17 jun. 2005. Disponível em: <<http://ofuncionariocansado.blogspot.com.br/2009/01/adilia-lopes-entrevista-de-carlos-vaz.html>>. Acesso em: 23 set. 2016.

MELO, Sónia Rita C. Adília Lopes ou a impessoalidade da terceira mulher. *Ex aequo*. Vila Franca de Xira, n. 27, 2013. p. 129-141. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jan. 2017.

_____. *Des-dobra: re-visão e tradução*. A construção da poesia em Adília Lopes. 2015. 449 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Universidade de Barcelona. Barcelona, 2015. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/66446/1/SRCM_TESE.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2016.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.